



**DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

INÊS TALAKO VITULO

**PROPOSTA DE ACÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O RESGATE DOS
NOMES DA ETNIA UMBUNDU NO MUNICÍPIO DA CAÁLA**

CAÁLA/2023

INÊS TALAKO VITULO

**PROPOSTA DE ACÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O RESGATE DOS
NOMES DA ETNIA UMBUNDU NO MUNICÍPIO DA CAÁLA**

Projecto de Fim de Curso apresentado ao
Instituto Superior Politécnico da Caála, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciatura em História

Orientador: Agostinho Milagre Chivela, Lic.

CAÁLA/2023

Dedico o presente projecto de fim do curso aos meus queridos pais
e ao meu amado esposo.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a Deus, por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho e por fazer com que os meus objectivos fossem alcançados.

Ao Instituto Superior Politécnico da Caála, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação e por tudo o que aprendi ao longo dos anos de formação.

Aos professores, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com as quais guiaram o meu aprendizado.

Ao digno professor Agostinho Milagre Chivela, meu orientador, pela forma sábia com que orientou o presente projecto, pela atenção e, acima de tudo, pela cientificidade.

À minha bendita família, especialmente aos meus queridos pais, esposo, filhos e irmãos, por todo o apoio prestado ao longo da minha formação.

Agradeço, igualmente, aos meus colegas de curso com quem convivi intensamente durante a minha formação, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer.

Por fim, a todos que directa ou indirectamente ajudaram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa circunscreve-se na compreensão do significado do nome na Cultura Umbundu, no município da Caála. O trabalho tem como objectivo geral compreender a importância dos nomes na Cultura Umbundu propor acções pedagógicas para o resgate dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála. A partir dos dados dos inqueridos nota-se que os nomes umbundu são desvalorizados, já que 60% dos inqueridos responderam que não são valorizados. Constatou-se que a maioria dos inqueridos não possui sequer um nome umbundu. Nessa ordem, percebeu-se, ao longo da investigação, que embora fosse mais acentuada no período colonial, nos últimos tempos, observamos o desaparecimento da identidade cultural e o seu desprezo ao reboque dos ventos da globalização fundamentalmente na camada jovem, esquecendo-se de que cada povo ou sociedade em qualquer canto do mundo tem a sua história, seus hábitos e costumes que os distinguem das demais sociedades. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa baseia-se ao modelo exploratório, com a tipologia explicativa; utilizaram-se os métodos teóricos: análise-síntese, dedutivo e histórico-lógico, assim como os métodos empíricos: questionário e entrevista.

Palavras-chave: Cultura; Etnia; Nome; Umbundu.

ABSTRACT

This research is limited to understanding the meaning of the name in the Umbundu Culture, in the municipality of Caála. The general objective of the work is to propose pedagogical actions for the rescue of the names of the Umbundu Ethnicity in the municipality of Caála. Based on the data from the respondents, it can be seen that Umbundu names are undervalued, as 60% of respondents answered that they are not valued. It was found that most respondents do not even have an Umbundu name. In this order, it was noticed, throughout the investigation, that although it was more accentuated in the colonial period, in recent times, we observe the disappearance of cultural identity and its contempt to the tow of the winds of globalization, fundamentally in the young layer, forgetting to that each people or society in any corner of the world has its history, its habits and customs that distinguish it from other societies. As for the methodological procedures, the research is based on the exploratory model, with the explanatory typology; theoretical methods were used: analysis-synthesis, deductive and historical-logical, as well as empirical methods: questionnaire and interview.

Keywords: Culture; Ethnicity; Name; Umbundu.

ÍNDICE DE FIGURAS

Gráfico 1: Distribuição dos inqueridos por sexo	34
Gráfico 2: Distribuição dos inqueridos por idade.....	34
Gráfico 3: Distribuição dos inqueridos por grau académico	35
Gráfico 4: Tem nome umbundu?	35
Gráfico 5: Os nomes umbundu são valorizados?	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA	14
1.2 OBJECTIVOS	14
1.2.1 <i>Geral</i>	14
1.2.2 <i>Específicos:</i>	15
1.3 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA.....	16
2.1 A ETNIA UMBUNDU	16
2.1.1 <i>Origem dos Ovimbundu</i>	16
2.2 CONCEITO DE ETNIA	17
2.3 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA ACTUAL DOS OVIMBUNDU	17
2.4 ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA E ECONÓMICA DOS OVIMBUNDU	18
2.4.1 <i>Organização Sociopolítica</i>	18
2.4.2 <i>Organização Económica</i>	19
2.5 O NOME NA ETNIA UMBUNDU	20
2.5.1 <i>A Atribuição do Nome na Etnia Umbundu</i>	20
2.5.2 <i>O Significado do Nome na Etnia Umbundu</i>	20
2.5.3 <i>Alguns Antropónimos Umbundu</i>	22
2.5.4 <i>Importância do Nome na Etnia Umbundu</i>	27
2.5.5 <i>Factores da Desvalorização dos Nomes Umbundu</i>	27
2.5.6 <i>Consequências da Desvalorização dos Nomes Umbundu</i>	29
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1 MODELO DE ESTUDO	32
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	32
3.3 MÉTODOS DE PESQUISA	32
4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34

4.1	DADOS DOS INQUERIDOS	34
4.2	DESCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS INQUIRIDOS	35
5.	PROPOSTAS DE SOLUÇÃO	38
6.	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
	ANEXO A- INQUÉRITO	42

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos observamos o desaparecimento da identidade cultural e o seu vilipêndio ao reboque dos ventos da globalização fundamentalmente na camada juvenil, esquecendo-se de que cada povo ou sociedade em qualquer canto do mundo tem a sua história, seus hábitos e costumes que os distinguem das demais sociedades. Por isso pretendemos analisar as causas da invasão e desprezo dos nomes que representam a nossa identidade cultural. (NDOMBELE e AFONSO, 2021).

Pretendemos, através desta investigação, contribuir para a valorização do nome Umbundu, que há muito vem sendo desvalorizado. A pesquisa é importante, visto que, é preciso manter acesa a chama das nossas tradições, em cada geração da família, tradição esta, herdada dos nossos ancestrais de tempos imemoráveis.

Todos nós sabemos que a nossa identidade é tão rica e, aqui devemos ter em conta que para além da cultura ancestral, também da cultura adquirida que veio desde colonização até outros povos que aqui passaram. Hoje a escola ou o sistema de ensino-aprendizagem influencia o dinamismo cultural, muitas vezes criando alterações, quer a nível gráfico, quer a nível fonológico, como a nível semântico que vão agredindo e fustigando a nossa cultura, sobretudo a identidade cultural ancestral. É o caso dos nomes próprios como nomes de pessoas, de localidades ou de animais.

1.1 Situação Problemática

A desvalorização dos nomes na Etnia Umbundu, causada pela implementação do sistema colonial e, sobretudo, actualmente a inexistência da disciplina de Língua Umbundu a partir do Ensino primário, que deveria ajudar na divulgação dos nomes umbundu. Como consequências perde-se a identidade cultural, o respeito a nacionalidade e o conhecimento da identidade umbundu.

1.2 Objectivos

1.2.1 Geral

Compreender a importância dos nomes na Cultura Umbundu no Município da Caála.

1.2.2 Específicos:

- a) Caracterizar o Município da Caála;
- b) Diagnosticar os dados actuais dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála;
- c) Elaborar acções que contribuam para o resgate dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála.

1.3 Contribuição do Trabalho

Pretendemos, através desta investigação, contribuir para a valorização do nome Umbundu, que há muito vem sendo desvalorizado. A pesquisa é importante, visto que, é preciso manter acesa a chama das nossas tradições, em cada geração da família, tradição esta, herdada dos nossos ancestrais de tempos imemoráveis.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

2.1 A etnia umbundu

2.1.1 Origem dos Ovimbundu

Segundo Issó (2008), a origem dos Ovimbundu tem sido motivo de grande discussão por parte de vários historiadores. Uma das razões tem a ver com o facto de se tratar de um grupo étnico que marcou (e continua a marcar), de modo profundo, a história económica, social, política e cultural da porção de território que hoje se chama Angola.

Diante do exposto, antes de nos debruçarmos sobre a origem do grupo etnolinguístico Ovimbundu, importa apresentarmos a origem etimológica do termo Ovimbundu. Na sentença, Amélio (2018, p. 26), afirma que “o termo Ovimbundu deriva da evolução semântica do termo “munthu” que em diversas expressões linguísticas africanas, próximas a este termo, assume o significado de pessoa”.

Desta feita, o termo muntu, segundo o já mencionado autor,

[...] constitui a raiz da origem linguística comum dos ditos povos Bantu ou vanthu. Trata-se de povos que têm semelhanças linguísticas com bastantes traços comuns, fazendo remontar a origem desses povos, não só de uma raiz linguística comum, mas também de uma origem étnica eventualmente mais próxima, em relação aos demais povos africanos... (AMÉLIO, 2018, p. 26).

Corroborando com a tese segundo a qual, etimologicamente, a palavra “Ovimbundu” vem de “ombundu”, substantivo masculino que em português significa nevoeiro, Hambly, citado por Costa (2014), afirma que a palavra teve esta significação pelo facto de o Planalto de Benguela ser coberto por uma densa névoa durante as madrugadas.

Costa (2014, p. 38) é da mesma opinião ao afirmar que, “as características climáticas do altiplano de Benguela teriam contribuído para a utilização da palavra ovimbundu para se referir aos povos que habitam essa região”.

Redinha, citada por Costa (2014), afirma que, “[...] os Ovimbundu surgiram da troca cultural com diversos grupos étnicos, como os Congueses, os caçadores savânicos do Leste, os habitantes da região Norte do Zaire e os criadores de bois do Sudeste”.

Há uma diversidade de pensamentos entre os estudiosos sobre quando ocorreu a

unificação dos Ovimbundu antes e depois do encontro com os portugueses. Segundo Heywood e Wheeler, citados por Costa (2014), por exemplo, até 1840 os Ovimbundu que viviam no Planalto de Benguela estavam divididos em vinte e dois reinos independentes, mas partilhavam tradições políticas, crenças, língua e mantinham relações comerciais entre si.

2.2 Conceito de Etnia

O conceito de etnia é polivalente, que constrói a identidade de um indivíduo resumida em: parentesco, religião, língua, território compartilhado e nacionalidade, além da aparência física. (SANTOS, 2010).

Do ponto de vista histórico, segundo Santos (2010, p.122), “[...] a palavra etnia significa “gentio”, proveniente do adjetivo grego *ethnikos*. O adjetivo se deriva do substantivo *ethnos*, que significa gente ou nação estrangeira”.

Na visão de Munanga (2003), uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

Ainda segundo Santos (2010), a etnia refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e um território.

Por via do supracitado, compreende-se a etnia como sendo um grupo biológico e culturalmente homogêneo que compartilha das mesmas tradições, conhecimentos, técnicas, habilidades, língua e comportamento. Assim, um grupo étnico é um conjunto de pessoas que se identifica e são identificadas como semelhantes em sua raça, cultura e nação.

2.3 Localização Geográfica Actual dos Ovimbundu

Geograficamente o grupo etnolinguístico Ovimbundu está localizado no planalto central, nas províncias do Bié, Huambo, Benguela, na parte norte da província da Huila e na parte sul da província do Kwanza Sul.

Esta região, segundo Monteiro (2014, p. 28),

é composta pelas províncias político-administrativas do Huambo, Bié e Benguela, e estende-se ainda pelas províncias da Huíla, Kwanza Sul e Namibe. Tendo como língua o umbundu, o grupo é formado pelas seguintes variantes: Bié, Bailundo (Mbalundo), Sele, Zumbi, Sumbi, Mbuvi, Kacisanje, Obundu, Bumbu, Mdombe, Muhanya, Nganda, Huambo, Sambu, Kakonda e Cikuma. Com 37% da população do país, é o maior grupo etnolinguístico de Angola

2.4 Organização Sociopolítica e Económica dos Ovimbundu

2.4.1 Organização Sociopolítica

Sousa (s. d., p. 436) afirma que, “nas sociedades africanas, a célula social base «comunidade» é constituída por um grupo de indivíduos dos dois sexos que vivem em conjunto sob a autoridade de um de entre eles e mantêm entre si relações pessoais de parentesco”.

Segundo o autor, “a estrutura do seu esquema social parece ser elementarmente simples, mas, na verdade, possui características muito originais e complexas, susceptível de maior complicação, conforme a estrutura política se amplia”. (SOUSA, s. d., p. 436).

A estratificação social era composta, segundo Sanjukila, por “caçadores, camponeses, servos, escravos, aristocracia, classes de mulheres do Reino, adivinhadores, experientes de guerra, artesãos, conselheiros, os da segurança interna chefiado pelo Soba, sipata, pescadores e apicultores. Nestes estratos encontravam-se migrantes que eram integrados segundo a sua antropologia filosófica”, (SANJUKILA, 2003, p. 25).

Na estrutura política umbundu ocorrem várias situações relacionadas com a vivência das suas personagens políticas, dignitários das suas cortes tradicionais, formando um laço homogéneo.

Segundo Ceita (2014) o oSoma é o título de chefia mais alto atribuído ao soberano da corte umbundu.

O Soma é a majestade. Ocupa o lugar no topo da hierarquia. O oSoma exerce o pleno poder sobre o Estado e o povo, ele é o juiz supremo, regula a instituição política, económica, social e cultural. É o representante de um território, de clã ou de linhagem, o representante dos vivos e dos espíritos antepassados. Através dos ritos de sacrifício, da morte, do nascimento e da cerimónia de entronização dos oSoma, ele tem os seus ritos de contacto com os espíritos, ritos esses exercidos pelos seus sacerdotes que entram em comunhão com os espíritos

antepassados, evocando-os para intercederem junto do Ser Supremo, Kalunga, Suku, ou Njambi. O Soma é o detentor do poder político, por esse motivo a sua autoridade estendia-se a toda a sua área de jurisdição, dos seus habitantes das terras, propriedade inalienável da comunidade, herança dos antepassados. Os poderes temporários e espirituais tinham como a terra, o que garante a vida social e cultural. Dirige e organiza os assuntos políticos e de guerra. (CEUTA, 2014).

2.4.2 Organização Económica

No âmbito económico, o desenvolvimento de todas as sociedades dependeu, fortemente, da agricultura, caça e a pastorícia.

Na sequência, segundo Cambanda (2015, p. 48) “a agricultura em estação de chuva, a criação de gado e a pesca lacustre sazonal, bem como a apicultura, constituem as suas actividades económicas.

Apoiando-se em Sanjukila, “a agricultura, a criação de gado, caça e o comércio com o litoral, Caconda e Moxico, foram actividades económicas [...]” (SANJUKILA, 2003, p. 46).

Segundo DOMINGOS (2020, p. 34), “as principais actividades [...] são a agricultura, caça, pesca e pastorícia. A agricultura geralmente era praticada pelas mulheres, por outro lado, as outras actividades eram praticadas pelos homens. De certa maneira existe uma separação do trabalho entre homens e mulheres no seio dos povos bantos”.

Ainda baseando-se em Sanjukila as actividades eram divididas da seguinte forma: “a caça e a pastorícia eram exclusivamente actividades dos homens, agricultura para as mulheres e os homens de segunda idade, lenha e água para adolescentes e mulheres, responsáveis para educação e instrução eram velhos da terceira idade e as crianças recriando e estudando. (SANJUKILA, 2003, p. 47).

A sociedade banta observa com rigor as tradições que impõem as divisões das ocupações e trabalhos por sexo. A simbiose económica e produtiva dos dois sexos dá resultados positivos para a família e para a comunidade. Esta divisão já se encontra nas sociedades de economia mais rudimentar, e é universal no tempo e no espaço. Não obedece, portanto a arbitrariedades ou a caprichos e, muito menos, a instituições fortuitas. Costuma ser conforme as características masculinas e femininas, embora não se possa dizer que brote de uma necessidade natural. (ALTUNA, 1985, p.164, citado por DOMINGOS, 2020, 34).

2.5 O Nome Na Etnia Umbundu

2.5.1 A Atribuição do Nome na Etnia Umbundu

O nome é um produto sócio-histórico, associado a uma determinada língua que transporta uma carga cultural partilhada por determinada sociedade e com uma memória cultural de sociedade linguística. (ALTUNA, 2006, p. 268).

A atribuição do nome na etnia Umbundu é feita mediante ao cumprimento de alguns critérios.

Na Etnia Umbundu o nome é alternadamente atribuído pela família paterna e materna (TYIPA et al., 2013).

Segundo Telo (2019), os nomes das crianças eram herdados de parentes próximos, sobretudo em linha reta (pai, avó, bisavó).

Quanto aos pais, são os outros, filhos, irmãos, etc, que deverão julgar se são dignos ou não de serem perpetuados na família, através dos nomes. (LUKAMBA et al., 2018, p. 46).

Cada criança tem o seu próprio *sando* de quem recebe o nome. O único e verdadeiro nome de cada criança é o do “xará” da mesma. Onduko yomunu, onduko ya sando yahe. Este é que é o nome que identifica, coloca e define uma criança no seio da sua família. Por isso se chama onduko yahe yovepata, ale hati onduko yahe yokutchitiwa. Os outros elementos verbais que acompanham *onduko ya sando*, não passam de enfeites nominais, ocios no significado. (LUKAMBA et al., 2018, p. 46).

Como podemos notar a partir do exposto e corroborando com Kimbolo e Malundama, citados por Telo (2019), “antigamente os nomes davam-se em família, não é como agora, a pessoa vai lá num jornal, num dicionário ou em qualquer lugar que ele vai, tira o nome que lhe apetece e atribui no seu filho, antigamente os nomes partiam mesmo da própria família”

2.5.2 O Significado do Nome na Etnia Umbundu

Segundo Santos (2017, p. 68) “a origem étnica e a identidade cultural de uma pessoa, em África, são frequentemente identificadas na atribuição do nome, permitindo, assim, a sua inserção na comunidade.

Segundo Altuna (2006, p. 268), o nome é como parte constitutivo, completa a pessoa, pois explica a natureza própria do ser indivíduo, assim mostrando a realidade e descobre a sua interioridade. É um distintivo, segue a alma sensitiva.

Vejamos, se dar os nomes de parentes vivos ou falecidos (consanguinidade, kanda, clã) era uma forma de manter viva aquelas pessoas, isto não mudou muito no presente, mas verifica-se fortes dinâmicas de transformações neste processo actualmente. (TELO, 2019).

Diante do exposto podemos perceber que o nome é um símbolo que identifica um indivíduo.

Nesse sentido, segundo Ndombele e Afonso (2021), o nome pode ser compreendido como um símbolo identitário que representa o indivíduo.

Entre o povo umbundu, o nome, *onduko*, está em função dos outros, menos de si próprio. Dar nome, *okuluka*, é fazer este elo com os demais parentes vivos ou mortos. Geram-se crianças em ordem aos outros membros da família. Este dar nome, *okuluka*, é um dever de cada indivíduo no seio da família, pois que a cadeia de vidas que antecedem ao aparecimento de alguém neste mundo é complexa. (LUKAMBA et al., 2018, p. 45).

Na mesma senda, para Altuna, o nome encera alguma coisa da essência pessoal, até identificar o nome e ser. O nome faz parte da personalidade, revela o ser da pessoa situando o homem no grupo; é denominação que permite reconhecê-lo, o sinal da sua situação, da sua origem, da sua actividade, das suas relações com os outros (ALTUNA, 2006).

O nosso ser de hoje está ligado à uma corrente de vidas que contribuíram para o nosso existir ser hoje uma realidade. Para esta cadeia de multidões vivos ou já mortos, cuja última expressão são os pais, há uma dívida vital que só se salda no acto de *okuluka*. Por isso, *okuluka*, é um mínimo gesto de se agradecer o facto de termos aparecido nesta corrente vital. Que os seus nomes sejam sempre vivos e presentes! É deste estarem “presentes” que nasce o dever de *okuluka*. Assim: *ndetchi vakulukile, love le te walukavo!* (LUKAMBA et al., 2018, p. 45).

“A sociedade africana apresenta um sistema de parentesco que dá, grosso modo, igual atenção às linhas patrilineares e matrilineares”. (SANTOS, 2017, p. 68)

“Nos Ovimbundu recebe-se o nome de pessoas exemplares e não seria repetido em caso de falecimento. O que nasce depois de um falecido ou de uma desavença, recebe um nome adequado a circunstância. Normalmente é um nome depreciativo ou de desespero, como Kaniñga, Tchivi, etc [...]”, (TYIPA et al., 2013).

Nessa ordem, segundo os já mencionados autores, os gémeos recebem nomes de animais corpulentos e poderosos: Ndjamba, Ngeve, Hosi. Em caso de se repetirem os gémeos dão-se respectivamente os seguintes nomes: Sanguiva, Huame, Esinda. Os que nascem depois dos primeiros gémeos recebem o nome de Kasinda, do verbo okusinda, que significa em português “empurrar”.

Chimbinda (2009:6), citado por Santos (2017, p. 68) afirma que “os antropónimos africanos são sempre impregnados de significado e altamente evocativos da riqueza cultural africana. Além disso, não é só o antropónimo, em si, que tem significado, mas todo o processo da atribuição do antropónimo à criança.”

2.5.3 Alguns Antropónimos Umbundu

Segundo Chimbinda (2009:6), citado por Santos (2017, p. 68) “o sistema africano dos antropónimos tem em conta as famílias de ambas as linhas, a patrilinear e a matrilinear, de uma maneira muito sistemática. Ao mesmo tempo essas linhas servem de instrumentos de integração e preservação do passado no presente”. Doutra modo, segundo a referência, “na cultura umbundu, os nomes são, muitas vezes, dados segundo as circunstâncias que envolvem o indivíduo no momento da conceção ou do nascimento da criança”.

Assim, Santos (2017) apresenta algumas circunstâncias das quais resultam alguns nomes:

a) Antropónimos derivados de circunstâncias quotidianas

Cakuma – Significa algo saturado, situação já um tanto aborrecida, factos que não devem ser repetidos. O termo vem do verbo okukuma (saturar). Este antropónimo é atribuído a alguém que tenha nascido em “tempo” de tristeza na família.

Casinda ou **Kasinda** – Nome dado a uma criança que nasce depois de gémeos independentemente do seu sexo.

Segundo Tyipa et al. (2013), ao que nasce depois dos primeiros gémeos é atribuído o nome de Esinda.

Chimalia – Deriva de **Ochimalia**, corruptela de malha, jogo cuja pedra principal chamase malha. Cf. o depoimento da cidadã com este nome nos anexos do trabalho.

Civole ou **Chivole** – Literalmente significa que apodreça. Trata-se do verbo okuvola apodrecer, conjugado no imperativo. O antropónimo Civole significa apodrecer, mas no sentido de esquecer de algum problema da família, (de) algumas circunstâncias que envolveram o nascimento da criança em causa ou ainda, no de “redimir-se” de situações malélicas que ocorreram antes ou durante o nascimento da criança. São várias e facetadas as situações que podem ser associadas ao nome Civole.

Epalanga – Literalmente meu amigo e contemporâneo. Vem de epalanga liange, ekamba liange.

Segundo Lukamba et al. (2018, p. 49) “Epalanga é da família real. É o adjunto de qualquer cargo”.

Handanga – Segundo Yambo (2003:46) este nome significa reinar no lugar da mulher. Muitas vezes acontecia que, ao morrer, um dignitário, sem filho nem sobrinho, deixasse a sua herança à única filha casada e esta, por sua vez, passava a responsabilidade ao seu marido.

Kalembe – Deriva do verbo okulemba, que significa consolar. O antropónimo é dado a alguém com o objetivo de consolar a família de algum desalento por que tenham passado. Literalmente, o nome significa “Vai consolar”, no imperativo.

Kalitangi – Trata-se de um verbo conjugado no presente do indicativo e na forma negativa. Esta é uma forma do verbo okulitanga, que, traduzida para o português, significa “atrapalhar-se”. Se, em alguns casos, o prefixo ka tem o valor diminutivo, no caso de verbos, em Umbundu, o mesmo prefixo tem o valor de advérbio de negação. Assim, traduzida, esta forma verbal significa: “Não se atrapalha”. O antropónimo é dado a uma criança que se crê ou deseja vir a ser superdotada e sábia. É um nome de bom augúrio.

Kalueyo – O antropónimo tem origem em olueyo (vassoura), instrumento necessário e ligado às mulheres asseadas na cultura umbundu. Kalueyo pode significar limpeza da tristeza da família, ou seja, com o nascimento dessa criança, toda a tristeza é banida, surgindo assim os momentos de alegria.

Kamati – Antropónimo que se enquadra na classe 9, por causa do prefixo o que normalmente antecede o nome okamati. Culturalmente, os ovimbundu dão o antropónimo de Kamati a toda a criança que, desde a nascença, venha enrolada no cordão umbilical.

Kambolo – O antropónimo kambolo deriva de ombolo e tem a significação de pão. Mais uma vez, neste vocábulo, o prefixo ka tem o valor de diminutivo. Assim, kambolo significa pão pequeno. A atribuição deste antropónimo a alguém envolve várias circunstâncias familiares, desde a falta de alimentos à recuperação financeira e até mesmo outras situações

Katimba – Deriva de etimba que, em Umbundu, significa corpo. O prefixo ka pode introduzir um valor de diminutivo na classe dos verbos e noutras classes. Assim, katimba tem o significado de corpo pequeno ou corpinho.

Kasoma ou Soma (Soba) – o antropónimo tem origem em osoma que, posteriormente, foi aportuguesado para soba. Soma, em umbundu, também é designado por seculo, o mais velho da aldeia. É ele o responsável pelos habitantes da aldeia; em termos morais, é o representante da autoridade dos antepassados daquela região, digno de todo o respeito. Assim, ao atribuir esse antropónimo a alguém, muitas vezes em alusão a algum antepassado da família, quer-se com isso perpetuar a sua memória. Esse novo membro que carrega o nome é merecedor do mesmo respeito que se tinha para com aquele. Desrespeitá-lo será o mesmo que fazê-lo ao antepassado

Kulembe – De okulembeleka, consolar. Nome atribuído a uma criança que nasce após muito tempo de espera. Quando a nasce, a criança traz consolo e alegria à família.

Kusumwa – Deriva de esumwo, desgraça. Nome dado ao filho que nasce depois do divórcio dos pais ou cujos pais vivem em constante desentendimento.

Muhongo – Nome que se dá a uma criança, independentemente do sexo, que nasce depois dos 270 dias, tempo considerado normal. Além de ultrapassar esse limite – que pode alcançar 14 ou 15 meses – constitui uma surpresa constante até ao dia do parto. Por isso mesmo, o seu nascimento constitui uma surpresa até ao dia do parto.

Nacambula – Deriva de Ocambu, desmaio. Este nome é dado, muitas vezes, às crianças que nascem quando a mãe tenha adoecido durante a gravidez. Às vezes, a mãe confunde as dores de parto com as dores de quem vem sofrendo, e, finalmente, acaba por dar à luz. Outras vezes, a mãe chega a desmaiar, como que anestesiada. No entanto, a criança nasce.

Ndasala – Literalmente aquele que permanece ou aquele que não partirá (com sentido de sobreviver). Os pais atribuem este nome a uma criança quando, depois de outras já

falecidas, percebem que a atual vingará.

Ngende – significa o que está de passagem ou que está a caminho. Este nome é também atribuído a uma criança que nasce depois de muitas outras já falecidas. Neste caso, os pais, desconfiados de que a criança não sobreviverá (como as anteriores), ficam sem esperança. Vejase, como exemplo, o depoimento por nós entrevistado.

Ombembwa – Literalmente significa paz. Este nome era atribuído, normalmente, às crianças que nasceram no período de paz, uma vez que Angola passou por longo período de conflito armado.

Pakisi – Nome dado a uma criança que, logo depois de nascer, se vê órfã de pai e a mãe; sendo recolhida por alguém que a encontra abandonada.

b) Antropónimos derivados da fauna e da flora

Segundo Yambo (2003:58), citado por Santos (2017) atribuem-se nomes de plantas ou de animais às crianças para evitar que elas venham a perecer como outras que as precederam. Quando sobrevivem, ficam com os nomes.

Diante do exosto Santos apresenta alguns nomes:

Cimboto ou **Tchimboto** – O antropónimo vem de ocimboto, que significa sapo; refere-se à situação familiar. Normalmente este nome é atribuído a uma criança que nasce depois do falecimento de um dos seus irmãos ou o pai. Segundo a sabedoria popular, a desgraça que assolou a família pode repetir-se. Na incerteza da sobrevivência do menino (a), atribui-se esse nome.

Khosi ou **Hosi** – Deriva do Ohosi “leão”; pequeno leão. É um dos nomes atribuídos aos gémeos quando são meninos: ndjamba e hosi. A atribuição desses nomes aos gémeos baseia-se na grande força desses animais e, segundo a crença dos ovimbundu, a força desses animais é “transferida” para as crianças que, assim, são protegidas até ao seu estado adulto.

Kalembe – Deriva de Okalembe, nome de dois tipos de plantas conhecidas por: 1. Okalembe K’usenge, que serve para afugentar os espíritos perseguidos; 2. Okalembe K’ovimbo, planta utilizada na pesca pelas mulheres para anestésiar o peixe que, assim, pode ser apanhado com facilidade.

Kambunga – Arbusto de média estatura que dá flores esbranquiçadas e frutos redondos e pequenos de cor vermelha quando maduros. Tem propriedades purgantes. Desconhece-se a razão da sua utilização como antropónimo.

Kambwa – Deriva de Ombwa, que significa cachorro. É usado como forma de proteção da criança contra qualquer situação maléfica que possa provocar-lhe a morte.

Kandimba – Deriva de ondimba, que significa coelho, símbolo de esperteza, de astúcia.

Kapitango – Deriva de kapiti etango, aquele que não passa em vão, ou seja, anunciador, mensageiro. É também o nome de um tipo de cogumelo comestível depois de seco e cozido.

Kapuka – Deriva de okapuka, nome de uma planta que serve de antídoto de veneno. É também o nome de uma bebida alcoólica, bastante consumida, principalmente nas periferias. A motivação do seu uso é desconhecida.

Lusati – Deriva de Olusati, resto de um milheiro cortado em crescimento e sem possibilidade nem de crescer nem de morrer. Dá-se este nome à criança que nasce depois da morte do pai. Pode ser também a criança que, além de não conhecer o pai, perde a mãe logo após esta dar à luz.

Nangombe – Deriva de ongombe, boi mais o prefixo na, mãe de. Literalmente, traduz-se em “mãe do boi”. Normalmente atribuía-se este nome ao proprietário de um certo número de cabeças de gado, como símbolo da sua riqueza.

Ngeve ou Ngueve – deriva de Ongeve, que quer dizer hipopótamo. Este nome aplica-se às crianças gémeas, neste caso, à segunda, se for do sexo feminino. Quando os gémeos são dois meninos, recebem o nome de Hosi e Ndjamba; se forem duas meninas, recebem o nome de Ndjamba e Ngueve.

Njamba – vem de Onjamba, que quer dizer elefante. Este nome é dado à primeira criança gémea a nascer, indistintamente do sexo.

Ngando – Vem de ongandu, que significa jacaré. Na cultura umbundu, este nome, quando ocorre como um antropónimo, atribui-se a alguém cujos parentes mais próximos

tenham morrido na água.

2.5.4 Importância do Nome na Etnia Umbundu

O nome é muito importante, uma vez que nos remete a compreensão das nossas raízes

Segundo Telo (2019) o reconhecimento de suas próprias raízes é fundamental para o desenvolvimento do ser africano e de África, já tão delapido em seu patrimônio material e imaterial.

Na etnia Umbundu o nome é símbolo muito importante. Como referido em Altuna, faz parte da personalidade, revela o ser da pessoa situando o homem no grupo; é denominação que permite reconhecê-lo, o sinal da sua situação, da sua origem, da sua actividade, das suas relações com os outros (ALTUNA, 2006). Ademais, o nome ajuda a salvaguardar as identidades culturais dos povos.

2.5.5 Factores da Desvalorização dos Nomes Umbundu

Segundo Nzau (2011), citado por Gaspar (2015, p. 18), “Angola desde sempre foi caracterizada por um variado mosaico etnolinguístico que, com os constantes movimentos e crescentes migratórios internos actuais, se tem intricado cada vez mais.

Os factores da desvalorização dos nomes Umbundu são vários e, para a sua compreensão, importa analisar a desvalorização da língua Umbundu.

Segundo Ndombele e Afonso (2021, p. 80) “a desvalorização do Umbundu tem as suas raízes no longo processo de colonização que levou 500 anos em Angola, tendo como consequências a destruição total do tecido sociolinguístico nacional”.

Como se sabe, uma das consequências culturais do colonialismo português é a desvalorização das línguas nacionais angolanas, entre as quais a Língua Umbundu.

Um dos métodos utilizados pelo colono para a desvalorização da Língua Umbundu foi a política de assimilação, tal como refere Levarteano:

[...] a assimilação foi um dos sistemas da política colonial, que tinha como objectivo a implementação de usos e de costumes da cultura do colono em detrimento dos usos e dos costumes da cultura dos povos

colonizados. Isto quer dizer, assimilados eram aqueles que abandonavam os seus costumes para se apegar aos do colono. Os indígenas eram aqueles que não queriam abandonar os seus costumes. Os assimilados eram obrigados a deitar fora os seus verdadeiros nomes e receberem os do colono, isto é o que mais me dói até hoje. É por esse facto que a Rainha Nzinga Mbandi depois de batizada pelo colono, passou a ser chamada de Ana de Sousa. (LEVARTEANO, 2021, p. 53).

Percebe-se, a partir do exposto, que os nomes Umbundu começaram a ser desvalorizados desde o momento que se implementa o sistema colonial.

Diante do exposto torna-se fundamental partir pela política linguística durante e após o período colonial. Ou seja, a língua portuguesa foi implementada no território angolano a partir do processo de colonização protagonizado pelos portugueses representados por Diogo Cão no primeiro contacto mantido junto a foz do rio Zaire.

Para Sacalembe (s.d, p. 8), “os factores que impulsionaram o linguicídio das línguas angolanas foram trazidos pelos colonizadores e são mantidos actualmente pelas elites governamentais saídas dos movimentos independentistas”.

O processo colonial linguístico ocorrido durante 500 anos e, ainda, mantido em Angola (dominação) actualmente pelas elites de governantes, estabeleceu a crença na ideologia da existência da Língua Perfeita: a Língua portuguesa. (TCHITUNGONDJLO, 2021).

Segundo Inverno (2008, p. 179) citado por Gaspar (2015, p. 19), O impacto desta medida só teve o seu resultado a partir dos anos de 1950 quando um número significativo da população angolana começou a manter o contacto com a Língua Portuguesa e aumentou o desejo de a aprender porque:

Na visão de Tchitungondjo (2021) por este facto, estabeleceu-se a colonização linguística que consistiu na imposição ou dominação da língua portuguesa sobre as línguas nacionais, permitindo a sua presença em todas acções da vida socioeconómica e política estabelecidas intencionalmente pelo estado colonizador, inibindo a presença e acção das línguas locais, visando a dominação do território e do povo para uma melhor exploração dos seus recursos.

Esta colonização linguística só foi possível pela crença da superioridade da língua portuguesa pelo colono.

De acordo com Souza (2001) citado por Sacalembe (s.d, p. 8),

fez-se passar a ideia ou crença de que a língua portuguesa é a mais perfeita, verdadeira, educada e civilizada, sendo, por isso, “a língua ideal e digna de ser falada”, considerando as línguas nacionais de “primitivas, tradicionais e subdesenvolvidas”, não ideais, nem dignas de serem faladas. É desta forma que foi possível impor ideias e valores eurocêntricos sobre a identidade cultural angolana sem contestação.

Esta desvalorização da língua Umbundu em detrimento da portuguesa, como podemos notar, afecta directamente os nomes. Ou seja, da mesma dimensão que se desvaloriza a língua, de facto, da mesma forma acontece com os nomes.

Segundo Araújo (2014, p. 168), “pelo facto de muitos não verem a utilidade prática do uso das línguas nacionais, criam-se certos preconceitos para com aqueles que fazem uso das mesmas, impedindo a muitos o desejo de utilizar e aprender suas próprias línguas locais”.

A prática preconceituosa ocorre quando se incentivam estratégias que ensinam a amar a Língua Portuguesa e a desgostar ou a praticar o descaso das línguas nacionais, contribuindo para a inibição da afirmação das línguas locais, no caso o Umbundu, uma vez que, entusiasmam a marginalização, a exclusão e o silenciamento das línguas endógenas, (SACALEMBE, s.d, p. 11).

Bastava falar ou ter nome Umbundu para zombarem: “esse ‘wy’ é do ‘mato’”; “ele é do ‘quimbo’”; “pessoas do ‘samboto’ não podem se sentar ao nosso lado”. (SACALEMBE, s.d, p. 11).

Segundo Bagno (1999, p.17) citado por Sacalembe (s.d, p. 12), “existem ainda outras considerações igualmente preconceituosas como: “fala a nossa língua”; “fala o português, porque não estamos a te ouvir” e que são igualmente violências verbais cometidas pelos afiliados da ideia de uma superioridade linguística atribuída à língua Portuguesa”.

“Mesmo depois do colono se ter retirado do país, o português continuou e continua a dominar pelo facto da mobilidade geográfica e social dos campos para as cidades em busca de oportunidades”. (PONSO, 2009, p. 153).

2.5.6 Consequências da Desvalorização dos Nomes Umbundu

Sendo o nome compreendido como um símbolo identitário que representa o indivíduo, a sua desvalorização tem como consequência o desaparecimento da identidade

cultural de um povo.

Nessa ordem, segundo Ndombele e Afonso (2021) nos últimos tempos observamos o desaparecimento da identidade cultural e o seu vilipêndio ao reboque dos ventos da globalização fundamentalmente na camada juvenil, esquecendo-se de que cada povo ou sociedade em qualquer canto do mundo tem a sua história, seus hábitos e costumes que os distinguem das demais sociedades.

Por isso segundo Telo (2019),

é importante manter acesa a chama das nossas tradições, em cada geração da família, tradição esta, herdada dos nossos ancestrais de tempos imemoriáveis. Um aspecto fundamental, não referido ainda, é que é possível observar que somente a penúltima geração da minha família (dos bisavós) é que não tiveram os seus nomes alterados ou acrescentados a outros. Os meus avós, os meus pais e nós (filhas/os e netas/os) já somos do grupo que herdou ambas as realidades (pré e pós-colonial).

Actualmente muitos herdaram elementos da política colonial e se valem dos valores assimilados por eles para julgar os outros não assimilados em nome da superioridade da sociedade colonial identificada pela língua do colono.

Estes pressupostos revelam que existe realmente sinais que demonstram uma destruição clara do tecido sociolinguístico nacional, a banalização da nossa toponímia e a negação da nossa cultura em detrimento da supremacia atribuída ao eurocentrismo. (NDOMBELE e AFONSO, 2021, p. 82).

A cultura por ser um património de um determinado de um determinado povo, as crenças, os usos e costumes devem ser bem preservados, sob pena da própria sociedade ou região entrar em crise de valores culturais perdendo, deste modo, a verdadeira identidade.

Para Sacalembe (s. d., p. 5),

afigura-se essencial, uma vez que, “dialogar sobre as línguas nacionais é um dos meios de calar as ameaças que derivam de um projecto de linguicídio contra as línguas nacionais, evitando a morte do povo que se identifica com esta cultura, pois, no dizer do nosso autor, a morte de um povo, começa com o silenciamento da sua língua, extinta a língua, a cultura e a própria nação são erradicadas.

Analisando o exposto e considerando a importância que o nome representa na identificação cultural dos povos Ovimbundu, torna-se deveras importante gizar acções para a sua valorização.

Neste sentido, devemos lutar contra a desvalorização dos nomes Umbundu, partindo pela valorização da língua Umbundu, evitando assim as consequências que podem surgir da sua extinção, com o receio de perdermos a nossa identidade.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Modelo de Estudo

O presente trabalho faz recurso ao modelo exploratório, já que se pretende compreender as causas que estão na base da desvalorização dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála. Uma pesquisa pode ser considerada de modelo exploratório, quando esta envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram ou têm experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplo que estimule a compreensão, que é o que acontece neste trabalho.

Nos dizeres de Gil (2002) este tipo de pesquisa tem como objecto proporcionar maior familiaridade com o problema com vista a torna-lo ainda mais explícito ou a constituir hipótese.

3.2 Tipo de Pesquisa

Para o presente trabalho optou-se no tipo de pesquisa explicativa.

A pesquisa explicativa é um tipo de pesquisa cuja preocupação central é identificar os factores determinantes ou que contribuem para a ocorrência dos fenómenos. Segundo Gil (2008), este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

Nesse sentido, ajudou-nos a identificar os factores que condicionam a valorização dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála.

3.3 Métodos de Pesquisa

A realização da pesquisa foi possível graças aos métodos:

Teóricos: são métodos que permitem analisar uma determinada teoria. Ou seja, para (re) construir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polémicas: tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos, (FANTINATO, 2015).

Os métodos teóricos utilizados no presente trabalho são:

- a) **Análise-síntese:** a análise é uma operação mental que consiste na decomposição de um todo em tantas partes quantas possíveis. A síntese é a

reconstituição do todo pela reunião das partes decompostas para análise”. (CERVO et al., 2007, p. 34).

b) Dedutivo: é um método racionalista, que pressupõe a razão com a única forma de chegar ao conhecimento verdadeiro. Para tal, foi utilizada uma cadeia de raciocínio descendente da análise geral para a particular, até a conclusão

c) Histórico-lógico: é um método que permite criticar a forma dinâmica e sistemática as diferentes correntes do pensamento histórico.

a) Empírico: basea-se na experiência comum e na observação. Centra-se na busca de dados relevantes e convenientes obtidos através da experiência, da vivência do pesquisador. Tem como objectivo testar a validade de teorias e hipóteses em um contexto de experiência, para, desse modo, chegar a novas conclusões a partir da maturidade experimental (FANTINATO, 2015).

Os métodos empíricos utilizados no presente trabalho são:

Questionário: é um instrumento de investigação composto por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações.

Segundo CerVO et al. (2007, p. 53) “o questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra *questionário* refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”.

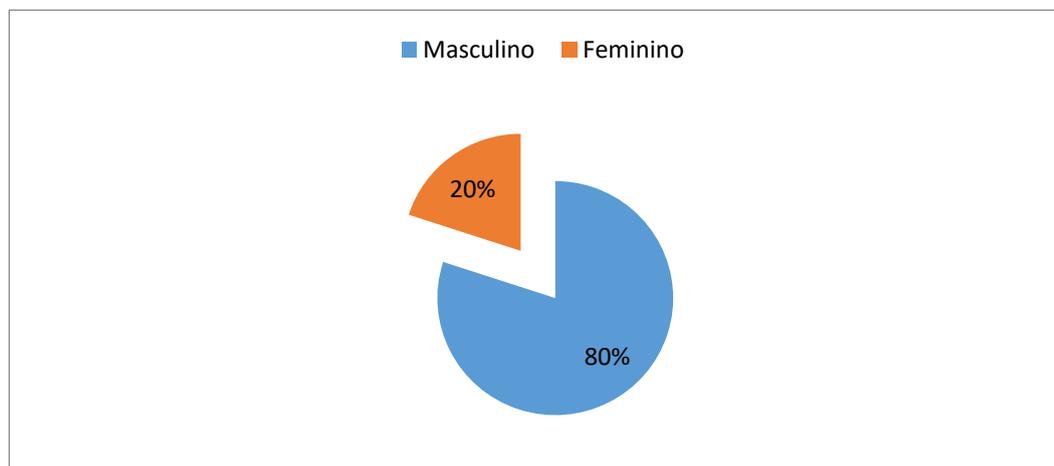
Entrevista: é uma das técnicas de colecta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos de maneira mais completa possível com o mínimo de esforço de tempo.

Segundo CerVO et al. (2007, p. 53) “a entrevista não é uma simples conversa. É uma conversa orientada para um objectivo definido. Recorre-se à entrevista sempre que se tem necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registos e fontes documentais e que podem ser fornecidos por certas pessoas”.

4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Dados dos inqueridos

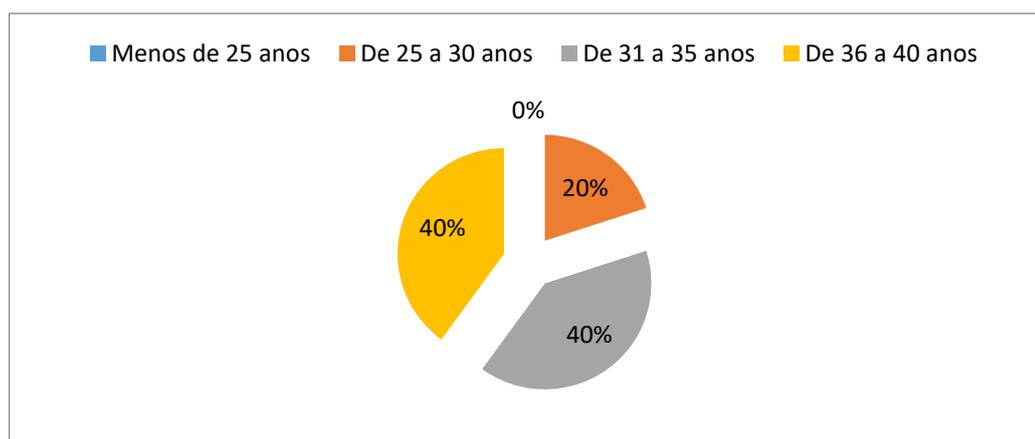
Gráfico 1: Distribuição dos inqueridos por sexo



Fonte(Autor, 2023).

O gráfico acima mostra-nos que a maioria dos inqueridos são do sexo masculino, pois a percentagem para estes é de 80%

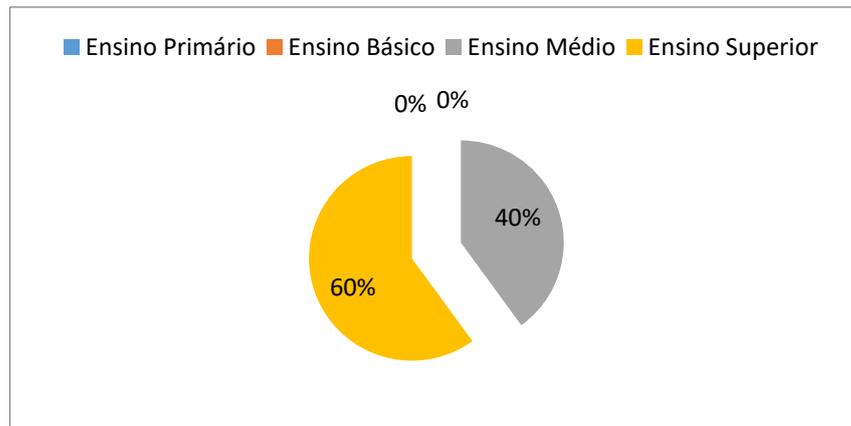
Gráfico 2: Distribuição dos inqueridos por idade



Fonte(Autor, 2023).

A partir do gráfico acima percebe-se que, dos inqueridos, maior parte tem uma idade compreendida entre os 31 a 40 anos, pois estes perfazem 80%. Enquanto que os 20% é reservado aos inqueridos com a idade compreendida entre os 25 aos 30 anos de idade.

Gráfico 3:Distribuição dos inquiridos por grau académico

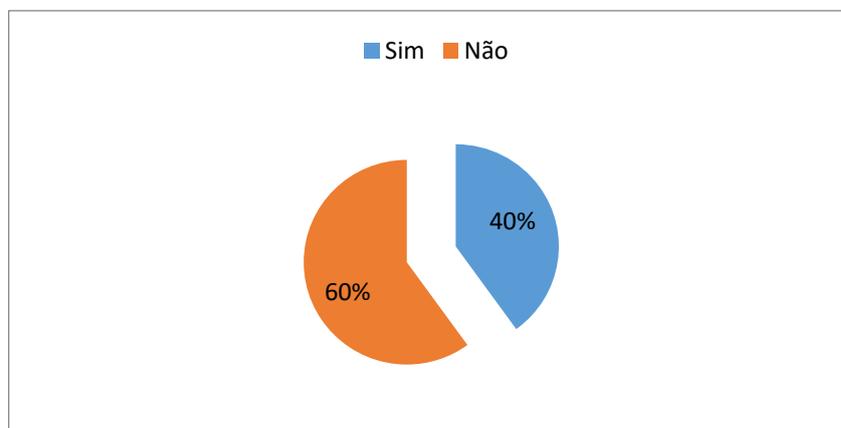


Fonte(Autor, 2023).

Como se pode constatar no gráfico nº3, boa parte dos inquiridos, quanto ao grau académico, possui o nível superior.

4.2 Descrição das respostas dos inquiridos

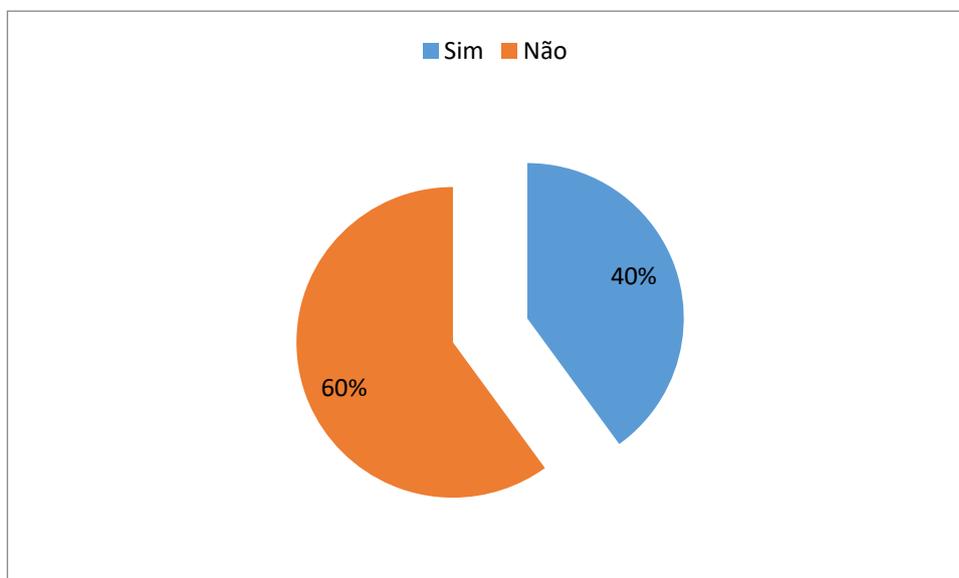
Gráfico 4:Tem nome umbundu?



Fonte(Autor, 2023).

Quanto à questão "Tem nome em umbundu?", dos inquiridos, a maioria respondeu não, tal como ilustramos no gráfico nº4.

Gráfico 5: Os nomes umbundu são valorizados?



Fonte(Autor, 2023).

A partir do gráfico acima descrito podemos notar que os nomes em umbundu são, de facto, desvalorizados, já que 60% dos inquiridos responderam que não são valorizados.

Quadro n°1: Quais são os factores da desvalorização dos nomes umbundu?

N/O	Respostas
01	A não percepção da cultura.
02	A não divulgação.
03	A não utilização no dia a dia.
04	SR.
05	SR.

Fonte(Autor, 2023).

Os inquiridos, questionados sobre os factores da desvalorização, dos nomes umbundu, como observamos no quadro acima, mencionaram a não percepção da cultura e, sobretudo, a não divulgação dos nomes umbundu.

Entendemos interessante esta abordagem, pois é deveras importante que se divulgue mais os nomes umbundu, partindo da própria língua.

Quadro n°2: Quais são as consequências da desvalorização dos nomes umbundu?

N/O	Respostas
01	Perca da identidade cultural
02	Não tem consequência nem uma porque eu não uso nenhum nome de umbundu e não vejo nenhuma desvantagem.
03	É que não seremos conhecidos em qualquer parte onde estivermos
04	É de perder a cultura de um país e não respeitar a nacionalidade
05	SR.

Fonte(Autor, 2023).

Questionados sobre as consequências da desvalorização dos nomes umbundu, enquanto alguns inquiridos apontaram a perda da identidade cultural, o desrespeito a nacionalidade, o desconhecimento da identidade umbundu, um dos inqueridos respondeu que não há nenhuma consequência em desvalorizar os nomes umbundu, uma vez que ele não tem e não sofre sequer uma consequência.

A partir do exposto percebe-se o quão inútil são vistos os nomes umbundu para alguns indivíduos.

Quadro n°2: Quais são as estratégias para a valorização dos nomes umbundu?

N/O	Respostas
01	O Estado aplicar materiais escolares desde cedo e no seio familiar.
02	É de dar mais atenção as pessoas que têm nomes umbundu na atribuição da cidadania
03	As nossas instituições devem dar mais atenção a estes nomes
04	Ensinar as nossas crianças um pouco da língua nacional e implementar esta disciplina nas escolas.
05	SR.

Fonte(Autor, 2023).

Quanto às estratégias, segundo os inquiridos, é importante e urgente que o Estado implemente a disciplina de Umbundu desde o ensino primário, para, através dos materiais didáticos desta disciplina, consigamos valorizar, não só a língua, mas também os nomes.

5. PROPOSTAS DE SOLUÇÃO

Criação de um centro para debates, palestras e conferências sobre a importância dos nomes umbundu;

Criação de um Centro de explicação da Língua Umbundu;

Promoção de palestras sobre a valorização dos nomes umbundu.

6. CONCLUSÃO

Procurou-se, no presente trabalho, fazer uma discussão que teve como foco o resgate dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála, tendo em conta a pouca valorização que se dá a estes nomes actualmente. Para o efeito, o trabalho teve como objectivo compreender a importância dos nomes na Cultura Umbundu.

No seguimento da investigação utilizou o modelo exploratório, já que se pretendeu compreender as causas que estão na base da desvalorização dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála. Como se sabe, uma pesquisa pode ser considerada de modelo exploratório, quando esta envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram ou têm experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplo que estimule a compreensão, que é o que acontece neste trabalho. Quanto a tipologia de pesquisa, o trabalho baseou-se na pesquisa explicativa, um tipo de pesquisa cuja preocupação central é identificar os factores determinantes ou que contribuem para a ocorrência dos fenómenos estudados, para o nosso caso, os nomes da Etnia Umbundu, o que permitiu identificar as causas que condicionam a valorização dos nomes da Etnia Umbundu no município da Caála.

Percebemos, ao longo da investigação, que embora fosse mais acentuada no período colonial, nos últimos tempos, observamos o desaparecimento da identidade cultural e o seu desprezo ao reboque dos ventos da globalização fundamentalmente na camada jovem, esquecendo-se de que cada povo ou sociedade em qualquer canto do mundo tem a sua história, seus hábitos e costumes que os distinguem das demais sociedades.

Para analisar a evolução de um determinado grupo social é importante que se saiba, de facto, as suas origens: fazendo um estudo sobre o seu passado, para facilitar a sua interpretação no presente, para a perspectiva do futuro. Por isso, a fundamentação teórico-empírica começa, exactamente com a caracterização do local de estudo, a abordagem sobre a origem dos Ovimbundu e, posteriormente, a problemática do nome na Etnia Ovimbundu

Portanto, a partir dos dados dos inquiridos, percebe-se que os nomes umbundu são, de facto, desvalorizados. Procurando saber se os inqueridos tinham nomes em umbundu, a maioria respondeu não. Tendo em conta as consequências que advêm da desvalorização dos nomes da Etnia Umbundu, torna-se importante gizar acções que contribuam para a sua valorização, dentre as quais, a divulgação dos nomes e a implementação da disciplina de Umbundu a partir dos primeiros anos de escolaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTUNA, R. R. S. *Cultura Tradicional Bantu*. Portugal. Paulinas, 2006
- AMÉLIO, V. C. E. *Formas de saudação, tratamento e cortesia no grupo dos ovimbundos no centro e sul de Angola: Contributo para a análise*. 2018. 155f. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Portugal, 2018.
- CEITA, C. N. R. F. *Silva Porto na África Central – Viye/Angola: História Social e Transcultural de um Sertanejo (1839-1890)*. 340f. Tese. UNL. Lisboa, 2014.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. *Metodologia Científica*. 6ª Edição. São Paulo: PEARSON, 2007.
- COSTA, R. J. *Colonialismo e gênero entre os Ovimbundu: Relações de poder no Bailundo (1880-1930)*. 205f. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2014.
- DOMINGOS, G. A. *O Alambamento Entre os Kibalas (Ambundos) em Angola: Suas Transformações Socioculturais e Econômicas diante da Sociedade Contemporânea*. 128f. Dissertação. UFC. Fortaleza, 2020.
- FANTINATO, M. *Métodos de Pesquisa*. PPgSI – EACH – USP. 2015
- GASPAR, S.I.N., *A língua Portuguesa em Angola: contributo para uma metodologia de língua segunda*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de ciências Sociais e Humanas (FCSH), Lisboa, 2015.
- GOMES, A. J. *Ovimbundo Pré-Coloniais: Contribuição ao Estudo Sobre os Planálticos de Angola*. Benguela. Angola, CACUL, Ed. I, 2016.
- ISSÓ, M. *A Origem dos Ovimbundu: A Hipótese Mais Próxima da Realidade*. Nação Ovimbundu. 2008.
- LUKAMBA, A. et al., *A Criança: Verdadeira Semente do Futuro*. CERETE. Huambo, 2018.
- LEVARTEANO, L. *Angola: A História Oculta nos Erros*. Ed. 1ª, Edit. DAP – Casa dos Livros. Luanda, 2021.
- MONTEIRO, D. H. *Tradições Nacionais e Identidades: Recolha e Estudo de Canções Festivas e de Óbito Kongo e Ovimbundu*. 137f. Dissertação, Universidade do Porto, 2014.
- MUNANGA, K. *UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RACA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA*. USP. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/2003.
- NDOMBELE, E. D.; AFONSO, M. Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bacongo. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras São Francisco do Conde (BA) | v.1, nº 1 | p.103-119 | jan./jun. 2021
- PONSO, L.C., *O Português no contexto Multilingue de Angola, confluência*, nº35/36, 2009.
- SACALEMBE, J. E., *O silenciamento da língua Angolana Umbundu*, s.d.

SANJUKILA, E. *Reino do Bailundo II: O Bailundo e os Heróis Inéditos na Mira das Gerações Vindouras*. Huambo. Angola. Ed. I. 2003.

SANTOS, D. J. S. et al. *Raça Versus Etnia: Diferenciar para Melhor Aplicar*. 2010.

TCHITUNGONDJLO, P. C. *A Desvalorização da Língua Nacional Umbundu na Escola de Magistério da Caála e Acções para sua Revalorização*. Monografia. ISPC. Caála, 2021)

TELO, F. C. A. *Diz-me Como te Chamas e Dir-te-ei Quem És: A Construção dos Nomes em Angola e a Influência Colonial*. 82-111. Vol. 6 | N.º. 12 | Ano 2019.

TYIPA, et al, *Didaskwo: «Ensinar», Revista de Investigação Teológica- Cultural*, III Vol., CERETEC, Huambo, 2013.

ANEXO A- INQUÉRITO



DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Inquérito

Este inquérito faz parte de um estudo que se pretende realizar no âmbito da conclusão da licenciatura em História, no Instituto Superior Politécnico da Caála, com o tema: “Proposta de Acções Pedagógicas para o Resgate dos Nomes da Etnia Umbundu no município da Caála”

1 - Identificação:

Sexo: Masculino () Feminino ()

Idade:

Menos de 25 anos ()

De 25 a 30 anos ()

31 a 35 anos ()

36 A 40 anos ()

2 - Grau académico

- a) Ensino Primário
- b) Ensino Básico
- c) Ensino Médio
- d) Ensino Superior

3 – Tem nome umbundu? Sim Não

- a) Se sim, mencione-o e diga qual é o seu significado.

R: _____

4 – Vê importância na atribuição do nome umbundu? Sim Não

5 – Os nomes umbundu são valorizados? Sim Não

a) Se não, quais são os factores?

R: _____

6 – Quais são as consequências da desvalorização dos nomes umbundu?

R: _____

7 – Quais são as estratégias para a valorização dos nomes umbundu?

R: _____